



ADVÉRBIO

REVISTA CIENTÍFICA DOS CURSOS DE COMUNICAÇÃO DO CENTRO UNIVERSITÁRIO FAG

VOL. 18 - N. 35 | JUL./DEZ. 2024 | ISSN 1808-883X

“E POR AMOR, QUEM NÃO TERIA IDO?”: BREVES NOTAS PARA A *ILHA DAS AFEIÇÕES*, DE PATRÍCIA LINO

Cleber da Silva Luz

“E POR AMOR, QUEM NÃO TERIA IDO?”: BREVES NOTAS PARA *A ILHA DAS AFEIÇÕES*, DE PATRÍCIA LINO

Cleber da Silva Luz¹

RESUMO:

Esta breve resenha apresenta algumas notas a respeito de *A ilha das afeições* (2024), de Patrícia Lino, lançando um olhar para as temáticas que se acentuam e outros aspectos concernentes ao plano estético-formal da obra.

PALAVRAS-CHAVE:

Poesia contemporânea, Patrícia Lino, *A Ilha das afeições*.

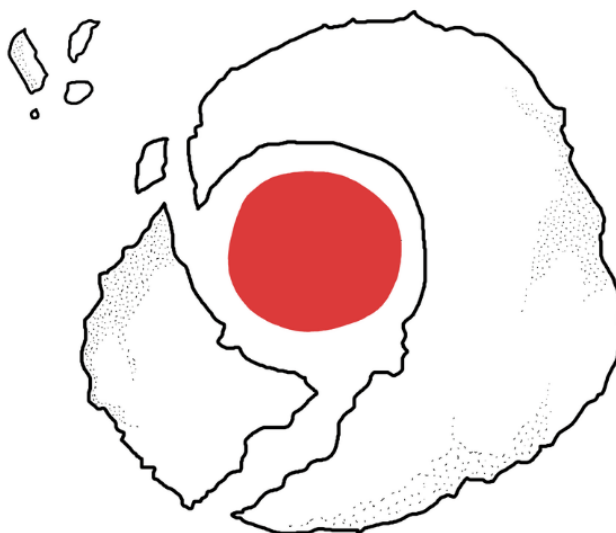
¹ Doutorado em andamento em Letras pela Universidade Federal do Paraná - UFPR. Mestre em Letras pela Universidade Estadual de Maringá - UEM. Especialista em Ensino de Língua Portuguesa e Tecnologia Educacional Digital pela Universidade Estadual de Londrina - UEL. Licenciado em Letras (Português e Inglês) pela Universidade Estadual do Paraná - Unespar.

Com diferentes abordagens, trabalhos têm discutido a presença de referentes clássicos na literatura contemporânea. O diálogo com a tradição, nesse contexto, pode indicar formas de comunicar-se com imagens, símbolos e autores de diferentes tempos. É o que lemos nos versos d' *A Ilha das afeições* (2023), de Patrícia Lino, poeta portuguesa, ensaísta e professora de poesia e artes visuais na Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), ao recuperar personagens e acontecimentos do mundos grego e lusitano em diálogo, da Antiguidade aos dias atuais.

A obra integra a coleção *Círculo de Poemas* do ano de 2023, organizada em parceria pelas editoras Fósforo e Luna Parque, que publicou mensalmente plaquetes com a proposta de que escritores e escritoras escolhessem o mapa de um lugar — real, inventado, desejado — e escrevessem a partir dele.

Partindo do episódio camoniano da ilha dos amores n' *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, a poeta cria um espaço topotético – imaginado, não real –, a partir de um ponto vermelho no mapa. Esse lugar forma uma espécie de arquipélago a partir de um conjunto de ilhas que se encontram no percurso lírico traçado verso a verso, no decurso da leitura da obra.

Figura 1 - *A ilha das afeições*



Fonte: Lino, 2023.

O mapa integra a obra e suplementa os sentidos possíveis, proporcionando o

encontro entre palavra e imagem, presente de maneira significativa na obra na medida em que, nos poemas, a descrição de espaços constroem um discurso ecfrástico em função da representação topográfica pelo verbal.

O ponto de partida da plaquete de Lino é a desconstrução do discurso épico, que redireciona a atenção de acontecimentos como a guerra, como vemos na tradição, para ocupar-se de um discurso da paixão. A paixão, ao longo dos poemas, representada especialmente pela palavra do feminino também é simbolicamente projetada na imagem da ilha que dá título à obra, sobretudo devido à sua cor vermelha. Se buscarmos referências simbólicas para a interpretação dessa cor, encontraremos várias configurações, entre elas a de referente uterino, matricial; ou de cor da alma, da libido e do coração. Ainda é possível reconhecer o vermelho como “a condição da vida” que “evoca de uma maneira geral o calor, a intensidade, a ação, a paixão” (Chevalier; Gheerbrant, 2019, p. 944-946).

A plaquete é organizada em 5 seções, com a seguinte disposição: Prólogo, Início, Explicação, Cartografia e Epílogo. Importante que se destaque a aproximação com a divisão tradicional do épico camoniano, que é dividido também em 5 partes, sendo elas o prólogo, a invocação, a dedicatória, a narração e o epílogo.

No prólogo de *A ilha das afeições*, temos apenas um poema de título “Uma história muito diferente”, em que se reforça a atualização do discurso ‘oficial’, especialmente por apresentar imagens em torno da exteriorização de um discurso feminino que angaria o direito à voz, como nos versos:

Mais não te peço que o canto, porque vim
para cantar, e a paciência de quem aguarda
debruçada na cidade, o teu cheiro
a sobrevoar a pia e o fogão [...] (Lino, 2023, p. 11).

A partir da segunda parte da obra, observamos a inserção de um discurso poético que faz opção pela narratividade. Em Início, temos apenas o poema “Duas mulheres chegam ao mesmo país”; já a Explicação compõe-se de dois poemas: “E este país aonde chegam é imaginário” e “O meu coração é um mapa pulsante”. Nessa seção se observa sobretudo o afeto como ação impulsionadora, criativa, modo de relação a partir do qual as coisas e o/no mundo se constroem.

Em Cartografia, parte 4 da obra, apresenta-se ao leitor a “Ilha das afeições”,

poema de título homônimo à obra, que se divide em 6 partes: Serra de Elóquio, Praia das Ostras, Jardim das Musas, Penedo da Saudade, Nossa Senhora do Convívio e Pico das Incertezas.

Ao final, temos a seção “Epílogo”, com um único poema que consideramos representativo dessas relações, sobretudo pelo diálogo que constrói na interface entre literatura, história e filosofia. O poema – que se lê na sequência – faz referência ao episódio em que Helena, personagem da tragédia grega homônima de Eurípedes, foi raptada e seu desaparecimento gerou diversas interpretações. Um espaço óptico é criado como forma de significar pelo silêncio, a ausência, o vazio, o desaparecimento, a falta... (Ribeiro Jr, sd. np.).

Após o branco, há a referência ao discurso de Aristófanes n’ *O banquete*, de Platão, em que se refere à natureza e à sexualidade, e ao quão benéfico acredita ser Eros aos homens. Esse pensamento é representado metaforicamente no poema como referência à potência erótica e ao valor representativo do feminino na imagem desta ilha dos afetos.

[EPÍLOGO]

Quando Helena deixou a Lacedemónia, Alceu declarou-a culpada. E todos concordaram.

Menos os que achavam que ela tinha sido raptada e Safo, que disse:

- Foi por amor e por amor, quem não teria ido?

Quando Aristófanes decidiu falar de amor, falou de corpos-esfera, que, por serem um e não dois, Zeus cortou ao meio. O que explica, aliás, os olhos e os orifícios do nariz, do umbigo ou do anus e a vontade feroz de amar e ser amado, de foder e ser fodido até ao orgasmo que, declarou também Aristófanes, recupera, por breves segundos, a nossa origem arredondada.

Como um ovo, uma bola de pingue-pongue ou uma ilha (Lino, 2023, p. 25).

Em seu ensaio “Defesa do atrito”, Silvina Rodrigues Lopes argumenta em defesa da potência e do papel social da poesia em função da “invenção de nossas possibilidades de significação (e de vida)” (Lopes, 2022, p. 165). Essa visão possibilita a leitura da poesia de Patrícia Lino, pois, nessa direção, vamos de encontro de encontro a um texto que não se coloca em lugar de repetição do mesmo, mas que, como defende a pensadora, “produz atrito, desvio, confronto” (2022, p. 167).

A experiência de leitura-escuta na voz da própria poeta da versão em áudio da obra pode ser experimentada no seguinte link: <https://www.patricialino.com/a-ilha-das-afeicoes.html>.

REFERÊNCIAS

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos**: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Trad. Vera da Costa *et. al.*. 33ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2019.

LINO, Patrícia. **A ilha das afeições**. São Paulo: Círculo de poemas, 2023.

LOPES, Silvina Rodrigues. **Literatura, defesa do atrito**. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2022.

PLATÃO. **O banquete**. Trad. Donald Schöler. Porto Alegre: L&PM, 2012.

RIBEIRO JR., Wilson A. **Eurípides / Helena**. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. Disponível em: <https://greeciantiga.org/arquivo.asp?num=0516>. Acesso em: 20 ago. 2024.

RODOLPHO, Melina. **Écfrase e evidência nas letras latinas**: doutrina e práxis. São Paulo; Humanitas, 2012.